



* A. C. Portinari Greggio

POR QUE O PT INSTITUCIONALIZOU A CORRUPÇÃO

"*Though this be madness, yet there is method in it.*"

A citação acima, tirada do Hamlet de Shakespeare, é muito conhecida: *Pode ser loucura, mas há método nela*. O príncipe Hamlet, obcecado pelo desejo de vingança contra o Rei, finge-se de louco. Polônio, conselheiro do Rei, confirma a loucura, mas observa que, atrás dela, havia algum propósito oculto.

Nosso tema é o Foro de São Paulo, o PT, e a absurda estratégia subversiva de corrupção institucionalizada adotada por estes nos últimos trinta anos, tão ilógica que até hoje, com metade da cúpula no PT na cadeia e um governo de Direita no poder, muita gente ainda não conseguiu encaixar as peças do quebra-cabeças. Afinal, qual era o projeto dessa gente? Aonde queriam chegar com a roubalheira? Já sei, a URSAL, a Grande Pátria socialista. Mas essa resposta não explica o estapafúrdio e tortuoso caminho que percorreram. Há quem, por comodidade, atribui o comportamento do PT a mera ganância, desejo de enriquecer. Ou seja, não passam de políticos corruptos, como os demais. Os heróis da Lava Jato acreditam que a prevenção da corrupção seria suficiente para salvar o Brasil. Grande equívoco. Como diria Polônio, *é roubalheira com certeza, mas há método nela*. Sabemos muito bem que o objetivo supremo do PT era a revolução, a qual culminaria na ideia da *Pátria Grande*, ou *URSAL*. Mas hoje essa estratégia parece tão absurda, tão irrealizável, que beira a estupidez. Por que?

Para melhor entender, temos de recapitular.

No final da década de 1950, o Brasil vivia dias agitados, e se tornava cada vez mais ingovernável sob a constituição de 1946. Os comunistas da velha guarda, ligados à União Soviética, se aliavam a João Goulart e tentavam chegar ao poder "por cima". A Direita reagiu. Os militares intervieram. Em março de 1964 os militares tomaram o poder. Mediante expurgos cirúrgicos, limitados e localizados, afastaram os comunistas dos sindicatos, do governo, da política, e adotaram medidas para coibir a corrupção. Executaram, em dois anos, a mais inteligente reforma administrativa e financeira da nossa História. Em 1966, acreditavam ter pacificado o País e resolvido a crise institucional.

Que ilusão! Já se preparavam para devolver o poder aos civis quando, inesperadamente, começaram a se multiplicar surtos de assaltos e atentados. Demorou para cair a ficha. Era um fator novo que surgia no jogo político: grupos armados de estudantes recrutados nas universidades. Era a nova Esquerda, cujos adeptos rejeitavam os métodos políticos da velha guarda e preferiam a luta armada, direta e sem rodeios. Seu objetivo era destruir as FFAA e as organizações policiais, isolar a classe média urbana e "reacionária", e tomar o poder após longa e sangrenta "guerra popular". Eram três vertentes, cada uma com sua estratégia: a de Marighela, a cubana e a chinesa.

Marighela copiava o cego **terrorismo** praticado na **Argélia**: prioridade

à guerrilha urbana, com ataques indiscriminados contra civis, policiais e militares, e a gradual desmoralização do adversário pelo terror.

Outra facção preferia a **solução cubana**: sincronizar ações políticas e militares nas cidades com guerrilhas nas montanhas e florestas. Notem que a doutrina cubana, embora valorizasse a guerrilha no campo, considerava a cidade como principal objetivo.

A terceira vertente era a do PCdoB, que preferia a **guerra popular** de Mao Tse-tung. Era o inverso do modelo cubano, porque seu foco principal era o campo. A estratégia consistia em criar exércitos camponeses, dominar o campo e cercar e tomar as cidades.

A História demonstrou que na América do Sul nenhum desses métodos funcionava. Derrotada, a nova Esquerda se juntou às oposições no exílio, onde, entre complicadas polêmicas e controvérsias nunca resolvidas, amadureceu, criou juízo, e enfim retornou ao Brasil após a anistia.

Foi uma fase paradoxal. A União Soviética se desintegrava. Os regimes comunistas eram repudiados e abolidos. Estranhamente, porém, nos países



Fidel desesperado: "*Hay que salvar mi piel!*"

havam formado o vitorioso bloco ocidental na Guerra Fria, as Esquerdas tomavam o poder. Clinton, Toni Blair, Mitterrand, Schröder, Zapatero, Barroso e toda uma galeria de nulidades até então pouco conhecidas, de repente, do nada, governavam o Ocidente. Como explicar esse retrocesso para a Esquerda na mesma ocasião em que o mundo comunista se desintegrava?

Quem eram os novos líderes? Nenhum mistério: eram os moleques das revoltas estudantis de 1968. Como haviam chegado ao poder? Simples. Nas décadas da Guerra Fria, enquanto o mundo se preocupava com a ameaça duma hecatombe nuclear, eles, na surdina, a partir de suas bases nas universidades e nos círculos intelectuais, subiam na vida e assumiam todos os espaços na mídia, nas artes, nas escolas, na política. Eram comunistas, sim, mas pouco se lixavam para a União Soviética. Abominavam o "socialismo real" de Stalin. Eram uma nova espécie, pacífica, jeitosa, petulante, fresca, adestrada na Escola de Frankfurt. O fim da Guerra Fria abriu caminho para que saíssem dos armários e chegassem ao poder. A Esquerda ressur-

gia triunfante sob nova forma.

Foi nesse clima de surpreendentes reviravoltas que os subversivos brasileiros, anistiados, retornaram. Haviam abandonado os projetos de luta armada. Estavam entumescidos com a nova Esquerda globalista da Europa e dos Estados Unidos, e haviam aprendido as doutrinas da Escola de Frankfurt.

Voltaram animadíssimos com a possibilidade de chegar ao poder pelas eleições. O regime militar havia cometido graves erros na economia e afundava na inflação. Perdera o apoio popular. Multidões nas ruas exigiam o fim da "ditadura", eleições diretas, liberdade. As FFAA se afastavam da política. A Direita se esvaziava e sumia do cenário. A Oposição tinha tudo para vencer.

Ao retornar, a Esquerda brasileira se dividiu. Uma parte se aproximou da Oposição legal, que permaneceria no Brasil e era a maior força política. Entraram nos tradicionais partidos da Oposição. Mas entraram como invasores. Bem organizados, com agendas ocultas, conectados com os governos do Ocidente e a oligarquia globalista mundial, rapidamente afastaram os corifeus da velha guarda e dominaram os partidos.

a sua revolução, na distante década de 1950. Em pouco tempo, Cuba se transformou num reduto de prostituição, jogatina, narcotráfico e lavagem de dinheiro.

Vejam que situação curiosa. A derrotada Esquerda radical latino-americana, de volta à política, gravitava em torno do seu ídolo Fidel Castro, num estranho ritual de adoração, ignorando propositadamente que o ditador já não tinha nada da antiga aura de herói e de profeta. Incompetente, senil, psicótico, sua única preocupação era sobreviver. Incidentalmente, sua sobrevivência estava ligada à do seu regime, e seu regime só poderia subsistir se a sanguessuga fosse alimentada. Essa era a única obsessão do grande ícone das Esquerdas.

Foi nesse clima que surgiu o famigerado Foro de São Paulo. A sanguessuga percebia que só poderia sobreviver com segurança se se integrasse a algo muito maior, capaz de nutri-la *ad aeternum*. As facções da Esquerda radical na América Latina precisavam de um Grande Líder carismático, capaz de fanatizar as massas populares de baixo QI médio.

Muito bem: a ideia da Pátria Grande parecia adequada. Restava encontrar uma estratégia capaz de contornar, ou de neutralizar, as FFAA do continente, diferente das antigas e malogradas teses da luta armada. Não era o caso de descartar a luta armada, mas de encontrar algum jeito de desmoralizá-las e desgastá-las pelas beiradas. Óbvio: em vez de enfrenta-las, corromper e degradar o ambiente social ao seu redor. Imeras numa sociedade alienada e desintegrada, as FFAA pereceriam, tal como peixes na água envenenada.

Assim surgiu a estratégia da corrupção institucionalizada como instrumento revolucionário. Tinha sua lógica. Não passava de extensão da prática guerrilheira de assaltar bancos ou sequestrar pessoas para financiar a revolução. As FARC haviam ampliado a gama de crimes legitimados pela ideologia, incluindo o narcotráfico. E Fidel havia levado a coisa mais além, ao patrocinar o lenocínio, o jogo e a lavagem de dinheiro.

Só faltava uns poucos elos nessa corrente lógica: como vencer o obstáculo moral poderia funcionar. Mas quanto longo? Até que ponto as populações mais lúcidas, as classes produtivas, aceitariam passivamente a destruição das famílias, das suas cidades, da sua Nação? Essas questões ficaram no ar, e nunca foram satisfatoriamente respondidas. Deixavam para depois, quando chegasse a ocasião. Ora, estratégias pela metade, sem arremates plausíveis, estão fadadas à derrota. Por que, então, entraram nesse caminho?

Novamente, passamos a palavra ao sábio Polônio: *é burrice com certeza; mas há método*. A resposta é: erraram por que Fidel, desesperado, precisava de ajuda e só raciocinava em curto prazo. A sanguessuga precisava de dinheiro, muito dinheiro, e precisava para hoje. *Vão, meus filhos, saiam por aí e se virem*.

O resto da história, todos sabem.

* Economista